



CLAUDE-GILBERT DUBOIS | MYTHOLOGIES DE L'OCCIDENT, LES BASES RELIGIEUSES DE LA CULTURE OCCIDENTALE. PARIS : ELLIPSES, 2007.

A obra *Mythologies de l'Occident*, de Claude-Gilbert Dubois, constitui um precioso estudo sobre as bases religiosas da cultura do Ocidente, materializado ao longo de doze capítulos, nos quais vão sendo abordados os diversos mitos que, ao longo de cerca de três milénios, preenchem o imaginário do Homem ocidental, numa tentativa de explicação que vai da origem e formação do universo, passando pela representação simbólica da condição humana e do destino, e chegando a um tempo atual, com as esperanças depositadas num porvir em que dominem os valores utópicos da liberdade e da paz, apesar da paradoxal visão apocalítica que paira sobre o mundo e das dúvidas que as contínuas descobertas científicas vão alimentando no Homem.

Na introdução, explicando a etimologia de Ocidente, o autor remete para segundo plano a noção geográfica do termo na economia do seu estudo (porque essa noção é relativa, dado partir da posição em que se encontra cada enunciador), valorizando a geografia humana e a dimensão cultural a ela associada, de que a Europa se pode considerar o polo irradiador. Na vontade legítima de assunção de centro do mundo, como acontece com qualquer cultura, a Europa, sobretudo com base na religião cristã, expandiu os seus valores para fora de si. É sobre esta cultura europeia, não apenas a atual, mas também a da «velha Europa», que o autor se propõe refletir, ainda que ponha em questão a existência efetiva de uma cultura europeia singular, como o têm provado, ao longo dos tempos e mesmo recentemente, as tentativas falhadas de unificação política ou ideológica: caso das políticas imperialistas de Napoleão ou de Hitler. Levanta, ainda, o autor a questão da noção de Cristandade associada à Europa, válida na Idade Média, mas posta em causa hoje em dia enquanto elemento unificador deste Ocidente aqui considerado: a noção triunfalista que a ideia de Cristandade conferia à Europa Medieval não pode hoje ser entendida senão como um elemento - determinante, por certo -, a ter em conta na definição possível de uma cultura europeia, tão marcada pelo pluralismo de povos, nações e confissões que a constituem.

Propondo-se o autor estudar as mitologias (do Ocidente), clarifica a noção de mitologias/mito a partir da definição de Roland Barthes, apresentando quatro aceções, que denotam a abrangência do conceito: a rede de imagens constituída em torno de um objeto (que pode mesmo ser do quotidiano), os símbolos de sentido coletivo que contribuem para definir uma identidade comunitária (como a Atlântida), o conjunto de mitos de uma nação ou cultura (como a mitologia grega), e o conjunto dos princípios estruturantes de uma mitologia. Esta última aceção importa, sobretudo, pela reflexão desencadeada sobre o mito europeu ainda em construção.

As heranças culturais da velha Europa, tal como é considerada por oposição à moderna em que vivemos, assentam nas mitologias dos diferentes paganismos que por ela foram passando, com destaque para os greco-latinos, baseados no politeísmo. Segue-se o contributo do judaísmo, monoteísta, e a posterior criação do



mito cristão, humanista e universalista. A história da cultura europeia assenta sobre estes pilares, não podendo deixar de se ter em conta a impossibilidade de pensar numa Europa cristã, quando os estados se têm tornado laicos e quando o impacto do islão também foi e é uma evidência em confronto latente com a religião cristã. Igualmente têm de ser equacionados os fatores económicos e o desenvolvimento tecnológico, que têm conduzido ao progressivo apagamento da noção de religiosidade ou a têm apenas transformado - porquanto o Homem continua a sua busca de uma sociedade ideal, baseada em valores globalmente próximos dos do cristianismo.

A identidade cultural ocidental em análise compreende, pois, a cultura europeia, mas também o mito americano (é atualmente inequívoca a dinâmica de influências recíprocas entre a Europa e a América), e o seu princípio motor reside não na unidade, impossível face à pluralidade de mitos que a compõem, mas nas noções de convivência, de harmonia e de humanismo.

Na primeira parte da obra, «mitos de formação e de fundação», o autor faz uma subdivisão entre os mitos cosmogónicos, os antropogónicos e os político-linguísticos.

Partindo da constatação de que a conceção do universo tem sofrido uma evolução constante e que, presentemente, a sua reconhecida imensidão não permite sequer estabelecer referências à escala humana, o autor apresenta três orientações que explicam o imaginário cosmogónico - da formação do universo: uma é de ordem mítica, assente em histórias em que intervêm forças sobrenaturais; a segunda, experimental, assenta na observação dos astros e no estudo dos seus movimentos - base da astrologia e da astronomia; a terceira tem por base a astrofísica contemporânea, com as recentes teorias da relatividade ou os conhecimentos da física nuclear e quântica a porem em causa conhecimentos anteriores e a deixarem, de novo, o homem comum, leigo nestas áreas científicas, perante a sensação de que vive num mundo estranho, cujas origens continuam, por desvendar, apesar de todo o conhecimento de que dispõe.

O paganismo greco-latino transmitiu à Europa a ideia da criação do universo por uma deusa-mãe; mas também a ideia de matéria (da mesma etimologia de *mater*, mãe) na sua forma bruta, o Caos, é associada à criação: a atividade do espírito dá ordem a esse Caos inicial, cria o Homem e coloca-o no Cosmos, o mundo belo e organizado. Estes princípios pagãos são retomados e transformados por outra mitologia, a da génese bíblica. Segundo esta, a partir do Caos ou do nada, Deus cria, em seis dias, o Paraíso e o Homem. Também a cosmologia de Aristóteles e de Ptolomeu vão fornecer elementos à cosmologia cristã: o éter, que preenche o vazio interplanetário é substituído pela noção de Fortuna, que explica as infrações no mundo; anjos e demónios ganham identidade na ideologia cristã.

O Renascimento, com a atitude antropocentrista e, posteriormente, os estudos e as descobertas do Século das Luzes (que não pararam, até aos nossos dias) vão pondo em questão a aceitação das explicações veiculadas através dos mitos cosmogónicos. As certezas confirmadas cientificamente não são, contudo, conforme



explica o autor, suficientes para que se abandonem os mitos iniciais de fundação, presentes ainda no imaginário do Homem moderno. Daí que o autor tenha dedicado uma parte significativa da obra a recontar esses mitos de fundação, pagãos ou cristãos, o mesmo vindo a acontecer com os antropogônicos e os político-linguísticos, nestes últimos com ênfase particular para o da torre de Babel, símbolo dicotômico da tentativa de emancipação do Homem em relação a Deus, por um lado, ou da pedagogia divina que ensina ao Homem o verdadeiro caminho, através do erro por este cometido: foi assim que o cristianismo integrou este episódio na história da salvação. A excelente capacidade narrativa e pedagógica de Claude-Gilbert Dubois leva-o a traçar um percurso diacrónico muito claro desde a Antiguidade até ao presente, sendo relevante, a propósito de Babel e do simbolismo das torres na procura de elevação do Homem perante Deus ou perante os outros homens, a referência às torres gémeas de Nova Iorque, símbolo da hegemonia americana e de um mito americano, recentemente postos em causa.

Numa segunda parte da obra, sobre os mitos identitários, o autor faz uma subdivisão entre dois modelos antigos: as figuras do cristianismo e os arquétipos ocidentais da feminilidade.

Édipo, o homem vulgar, e Eros, com as suas metamorfoses, são, aqui, postos em destaque como modelos antigos. Diferentemente de Prometeu, que ousou desafiar os deuses, Édipo revela-se um herói humano, questionando a sua condição humana, numa postura que o existencialismo do século XX virá explorar. Eros, que foi dos primeiros a contribuir para a ordenação do Caos, opera em si um rejuvenescimento com o passar do tempo; no imaginário humano do amor, vai impelir à análise deste sentimento sob as vertentes física (da fisiologia e do prazer), metafísica (inspiradora do amor platónico) e mística (ao transportar a alma para um estado superior de Absoluto, libertando-a da prisão terrestre). Também a propósito do amor, o autor apresenta os diferentes estádios com que a sociedade o tem encarado, do platonismo, ao romantismo ou ao donjuanismo; apresenta, ainda, a visão do cristianismo sobre certa diabolização do corpo e do amor físico, e mostra qual tem sido, desde os primórdios até hoje, a posição da Igreja sobre a submissão da mulher face ao homem. Termina com uma reflexão sobre o amor nos tempos modernos, interessante apontamento que mostra a perversão do verdadeiro sentimento após as descobertas científicas que permitem o ato sexual (dito de amor, mas cuja visão o autor não partilha - um Eros sem asas, como refere) por mero prazer, reduzindo o ser humano a objeto e contrariando o mito do deus grego.

Já sobre as figuras do cristianismo é dado o destaque que se impõe à figura de Jesus, a mais influente e a mais duradoura da história da civilização ocidental, com as reservas que levanta a falta de documentação direta que ateste os relatos dos evangelistas e a necessidade da fé para aceitar o que não pode ser demonstrado. Jesus apresenta-se como um herói, conforme o modelo mítico de herói indo-europeu: é filho de Deus, vive numa luta pela defesa dos seus ideais e morre por conspiração de inimigos; além do mais, vence a morte, o que confirma a sua trajetória de herói. Dúvidas e certezas sobre a vida de Jesus são objeto de ampla



narração e reflexão do autor, que conclui pela inegável existência de uma cultura em torno dessa figura, parte integrante da nossa civilização.

A Jesus, vítima, segue-se a reflexão sobre Judas, culpado, que, diferentemente do judaísmo ou do islão em que esta figura não comporta o sinal de traidor, é, para a generalidade dos cristãos, entendida como um seguidor da empresa de Satanás. De acordo com Claude-Gilbert Dubois, a tendência atual e futura promete uma nova visão sobre a figura de Judas, cujo comportamento assentou nas circunstâncias específicas em que ocorreu e foi, durante séculos, julgado através do olhar comprometido dos cristãos. Prova-se que o mito evolui em função dos tempos e que a mesma figura mítica pode gerar mitos diversos, em função da perspectiva sob a qual é encarada.

Da mesma forma, o Diabo (etimologicamente significando «divisor») - inexistente na cultura pagã e na bíblia judaica - surge como uma necessidade por parte da ideologia cristã: Deus é bom, logo, é útil conceber uma figura que represente o oposto da bondade divina. Assim acontece sempre na mitologia com a criação de dicotomias antagónicas. Simbolicamente, o Diabo vai justificar os abusos da autoridade eclesial, que entende serem tentados, estarem possuídos ou terem com ele um pacto todos quantos se afastem da «verdadeira» lei: os julgamentos e a consequente fogueira constituirão a forma de neutralizar essas forças demoníacas. O autor conclui sabiamente esta reflexão sobre as forças de oposição, afirmando que a existência de conflitos no mundo atual constitui a prova de que o Diabo continua também a existir. O tempo presente continua a cultivar este mito de Satanás.

As figuras do cristianismo e os arquétipos ocidentais da feminilidade são a base de mais uma reflexão de Claude-Gilbert Dubois, que parte da conceção de que cada ser humano possui em si uma parte de *animus* e uma de *anima*, representando, respetivamente, os princípios masculino e o feminino. Importa-lhe mostrar de que forma é representada essa feminilidade, ligada à função maternal e aos mitos pagãos da deusa-mãe. Apresenta diferentes figuras femininas, desde os primórdios até ao nosso tempo, às quais são associados mitos; destaca as figuras femininas do cristianismo, a respetiva ação no interior da Igreja ou na sociedade civil e as representações simbólicas associadas a valores morais. Confirma o esquema edipiano (pai, mãe e filho) como pilar de uma sociedade, estando a figura feminina a equilibrar o que, de outra forma, constituiria uma predominância excessiva do elemento masculino.

A terceira parte, intitulada «A modernidade e as suas mitologias de esperança», apresenta as novas conceções do Homem sobre si mesmo e sobre o mundo. Sendo de supor que o Homem moderno, face ao desenvolvimento científico e tecnológico e ao conhecimento de que dispõe, viesse a prescindir do mito enquanto elemento estruturador da sua relação com a vida e o mundo, verifica-se, pelo contrário, uma recuperação de muitos dos mitos iniciais, que, com ligeiros cambiantes, são vivificados no nosso tempo.



Ressalta, desta parte da obra, o mito do progresso, que anima a sociedade moderna e, num paulatino descrédito na ideologia cristã, faz o Homem acreditar que o paraíso é para ser vivido no presente (conforme o modelo do *carpe diem* horaciano) e no futuro imediato - e não no *post mortem* -, pelo que importa desenvolver uma nova noção de *caritas* com base na fraternidade e na solidariedade. É a própria sociedade em progresso que vai gerar novos mitos: o povo e as elites, a liberdade - apesar da noção pragmática da impossibilidade de a manter a par com a igualdade, a justiça e a fraternidade, constatada pela realidade social. Do mito do progresso acaba por resultar ainda uma mercantilização da atividade humana, reduzindo ao Homem a sua condição de ser e transformando-o num objeto de consumo.

Os últimos capítulos vão, por um lado, mostrar a razão pela qual o Apocalipse tem merecido tanta atenção ao longo dos tempos, ao colocar o Homem perante o problema universal que o atormenta de não saber o futuro que lhe está reservado; o Apocalipse apresenta-lhe uma resposta que lhe alimenta um misto de angústia e de esperança. Por outro lado, vão mostrar que o Homem, na sua condição de mortal, postos em causa os mitos que lhe confeririam um estatuto de demiurgo, tem enorme dificuldade na aceitação do real, particularmente da sociedade tal como está estruturada, e orienta-se para a utopia, como plano abstrato de uma sociedade ideal.

O Homem e o mundo ocidental suportam as derradeiras, pertinentes e pessimistas reflexões do autor. Experimentadas que foram já todas as formas imagináveis de modelos sociais, seguidos todos os mitos, não se vislumbram melhorias para o Homem do devir, nem mesmo neste Ocidente pioneiro na procura da defesa dos direitos do Homem.

Claude-Gilbert Dubois surpreende o leitor pela forma como é capaz de, nesta sua obra, apresentar (de forma documentada, através de exegeses a textos da Antiguidade, ao texto nuclear do cristianismo, a Bíblia, ou a estudos de diversos pensadores) as diferentes mitologias que povoam o imaginário do Homem ocidental. Fá-lo de uma forma objetiva, quase sempre neutra, limitando-se a sequenciar, de um modo coerente e lógico, o que de relevante é possível apresentar sobre esta matéria das mitologias - *a priori* uma matéria que se poderia entender arredada dos interesses do Homem moderno, mas que se revela imprescindível quando este se pretende conhecer melhor e, inevitavelmente, é convidado a olhar a multiplicidade de valores que o passado eternizou e projetou no tempo atual.

Horácio Ruivo

Universidade Aberta